

Questões do Nacionalismo em *A lição de Prático* de Mauricio Luz

Vinícios Campos Gorito
Edson Pereira Silva

Resumo: A Ficção Científica é um gênero literário que, entre outras coisas, investiga a construção do “outro” e desenvolve o encontro com diferentes culturas, nações e grupos. Nesse sentido, se constitui num objeto interessante para investigação de questões relacionadas às diferentes formas de nacionalismo. *A lição de Prático* é uma ficção científica brasileira publicada em 1998 que discute relevantes questões geopolíticas como a internacionalização da Amazônia e a separação do mundo em blocos de países ricos e pobres. Neste sentido, esse trabalho se dedicou a investigar algumas questões referentes ao nacionalismo que são abordadas nesse livro como, por exemplo, o sentimento de superioridade, o desejo de afirmação e, também, na marginalização e revolta envolvidas nesse processo. Extrapolações claras puderam ser feitas em relação às políticas neoliberais que dominavam o país na época da publicação de *A lição de Prático*. Nesse sentido, a relação entre o real e o imaginário na obra apontou para aspirações da geração em que a obra foi produzida ou, ao menos, do autor em relação à sociedade e ao futuro.

Palavras-chave: Ficção Científica, Ética na Ciência, Distopia

Nationalisms in *A lição de Prático* (*The Lesson of Practical Pig*)

Abstract: Science Fiction is a literary genre which is known to investigate the problem of otherness and the problems related to the encounter with different cultures, nations and groups. Therefore, it constitutes an interesting object for investigation of questions related to the different forms of nationalism. *A lição de Prático* (The Lesson of Practical Pig) is a Brazilian science fiction published in 1998 by Mauricio Luz that discusses relevant geopolitical issues such as the internationalization of the Amazonia and the separation of the world into two blocks (rich and poor) of countries. In this work it was investigated some issues related to nationalism which are addressed in this book, such as the feeling of superiority, the desire for affirmation and also the marginalization

and revolt involved in these processes. Clear extrapolations could be made regarding the neoliberal policies that dominated the country at the time of the publication of *A lição de Prático* (The Lesson of Practical Pig). Furthermore, the relationship between the real and the imaginary pointed out to aspirations of one generation or/and of the author in relation to society and the future.

Keywords: Science Fiction, Science Ethics, Dystopia

Introdução

A Ficção Científica (FC) é um gênero literário que pode ter suas origens consideradas a partir de duas abordagens, ambas com entendimentos distintos da natureza do tema (ROBERTS, 2000). Há autores que afirmam que os principais elementos do gênero estão presentes na literatura desde o seu surgimento na Idade Antiga. Nesse caso, a obra de referência seria a *Epopeia de Gilgamesh*, com mais de 4 mil anos, que retrata um herói enfrentando monstros e o sobrenatural. A obra constrói uma base metafórica para os encontros com o diferente. A partir dessa abordagem a FC se funda em um fator comum em diferentes histórias e culturas, que é o desejo humano de imaginar novos mundos. No entanto, a abordagem mais comum entre críticos da FC encara o surgimento do gênero como uma resposta artística a um contexto histórico-cultural particular, mais precisamente, o período pós-Revolução Industrial.

Luckhurst (2010) considera que as condições para o surgimento da FC como um gênero (alfabetização de grande parte da população; novos formatos de revistas de literatura popular; popularização da ciência) estão localizadas historicamente na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos e alguns países da Europa. De La Rocque (2009) destaca esse momento pelas constantes novidades e expectativas em relação às descobertas científicas advindas do desenvolvimento material que foi possível pela aplicação das novas tecnologias às diversas instâncias da vida humana. Concordando com essa perspectiva de que a FC representa uma resposta artística ao contexto histórico-cultural pós-Revolução Industrial, Asimov (1984) entende a FC como um ramo da literatura que tem como base as respostas do homem às mudanças ocorridas na ciência e nas tecnologias. De forma semelhante, Nauman e Shaw (1994) entendem a FC como uma forma de literatura que não representa a realidade, mas o que pode vir a ser a realidade no futuro diante dos avanços científicos. Sem deixar de lado a existência de uma preocupação com os avanços científicos e o futuro, Piassi (2015) prioriza a relação entre ciência e elementos socioculturais.

De uma forma ou de outra, a FC aborda temas que afetam diretamente a sociedade e seu imaginário e, portanto, é natural que o gênero tenha passado por transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, Brunner (1971) faz uma distinção

entre uma ficção científica “velha” e uma “nova”. A primeira, mais voltada para especulações acerca dos avanços na ciência e suas possibilidades tecnológicas, representa o cenário marcado por um forte cientificismo nas décadas de 1920 e 1930. Já a segunda tem como foco os medos e esperanças com o futuro, tendo como base as questões sociais e os questionamentos que passam a emergir posteriormente em torno da ciência. As definições encontradas são mais bem refletidas no desdobramento mais moderno do gênero que Brunner (1971) descreve como “uma ficção sobre pessoas, e não sobre ciência”.

É importante destacar que a formação de um contexto social propício para o surgimento da FC como um gênero na segunda metade do século XIX (LUCKHURST, 2010) tem como um de seus fatores a consolidação dos Estados Nacionais na Europa e a generalização de um modelo de Estado moderno que ocorreu ao longo daquele século. Nessa conjuntura, os nacionalismos surgem como respostas das sociedades aos encontros com o diferente, a partir de pressões externas que combinam fatores econômicos e culturais (JAGUARIBE, 2008). Os movimentos nacionalistas estabelecem fronteiras claras entre o “nós” e o “outro”. Seja pelo sentimento de superioridade de uma nação, servindo como justificativa para agressões políticas, sociais e culturais; seja pelo desejo de afirmação da nacionalidade e autonomia política frente aos Estados estrangeiros, como resistência ao colonialismo e a globalização (GUIMARÃES, 2008). Com a difusão de um modelo de Estado secular, algumas questões da cosmologia e teologia cristã perderam parte de sua relevância. Segundo Walter Benjamin (2013), na modernidade até mesmo a religião se transformou em uma das estruturas próprias ao sistema capitalista. Isso porque o capitalismo assumiu um caráter religioso enfrentando as mesmas preocupações, aflições e inquietações a que até então as religiões tentavam dar resposta.

Retornando à literatura, entende-se que obras literárias podem oferecer um retrato da época em que foram produzidas, visto que fazem uma reinvenção poética da realidade e podem utilizar a história como matéria inspiradora (VELLOSO, 1988). Por conta dessa característica da literatura, Smaniotto (2012) entende que as obras de ficção científica extrapolam as relações entre sociedade e ciência no momento de sua produção e representam as aspirações sociais e políticas de uma geração por meio das utopias e

distopias que são produzidas em dado período. Partindo de um entendimento parecido das relações entre literatura e sociedade, Baccolini (2007) sugere que a FC é um gênero relevante para explorar discursos nacionalistas, pois as obras não só oferecem um olhar crítico da sociedade, mas também investigam a construção do “outro” e desenvolvem o encontro com diferentes culturas, nações e grupos. Essas interações entre a ficção científica, nacionalismos e cultura podem ser encontradas no livro *A lição de Prático*, de autoria de Maurício Luz.

A lição de Prático é uma ficção científica brasileira publicada em 1998. A história se desenvolve em torno de temas como a clonagem, bioética e posições da sociedade em relação às realizações e potencialidades da ciência. No livro são retratadas as mais inimagináveis consequências da formação repentina de uma sociedade dividida entre humanos e porcos-inteligentes, que se comunicam com máquinas de vocalização penduradas em seus pescoços. A ficção discute relevantes questões geopolíticas como a internacionalização da Amazônia, a separação do mundo em blocos de países ricos e pobres e a expansão de um sistema que vai para além do imperialismo e retorna a um semi-colonialismo. Neste trabalho, algumas questões referentes ao nacionalismo que são abordadas no livro *A lição de Prático* (LUZ, 1998) serão discutidas. Para isso, um resumo descritivo dos acontecimentos do livro facilitará os apontamentos posteriores.

A lição de Prático

A lição de Prático é construído a partir de diálogos e notícias veiculadas nos meios de comunicação. A história é ambientada em um Estados Unidos que se aproxima do fim do século XXI e conquistou uma virtual imortalidade para sua população. Tal feito foi possível através da “Técnica de Revitalização”, que consiste na clonagem do paciente-contratante e no transplante do cérebro do indivíduo para o corpo jovem de um clone. Como a produção de clones é ilimitada (apesar de levar cerca de 8 anos para que o clone atinja o desenvolvimento desejado), a técnica confere ao usuário o prolongamento da vida por tempo indeterminado. Contudo, após um ataque terrorista realizado por fanáticos religiosos pertencentes a “Seita do Deus Único (SDU)”, uma grande quantidade de clones é destruída, impossibilitando a revitalização dos atingidos até que a produção de novos clones pudesse ser concluída. Nesse tempo, a única forma

de salvar os pacientes que precisavam de uma “Revitalização de Emergência” era o transplante de seus cérebros para corpos de porcos, ficando conhecidos, assim, como “Revitalizados Temporários (RTs)”.

A “Técnica de Revitalização” foi criação do Dr. Frederick Schnartz em colaboração com cientistas do mundo inteiro. Por exemplo, alguns métodos foram aperfeiçoados na Rússia e na Bélgica e aplicados em Cuba, embora, nesse caso, com grandes objeções de setores do governo norte-americano. A utilização da técnica, no entanto, não é universal, sendo proibida por lei para pessoas de nacionalidades que não a estadunidense e, mesmo nesse caso, o procedimento cirúrgico é extremamente caro, ficando restrito aos grupos mais ricos da sociedade norte-americana. Contudo, o valor mercadológico da técnica é mantido pelo medo da morte (ou o que o Dr. Schnartz define como “Ímpeto da Permanência”) e as revitalizações são retratadas como a “entrada da humanidade na imortalidade” ou “a maior contribuição da medicina para a humanidade nos últimos 200 anos”.

A perspectiva da imortalidade produz consequências sociais, culturais e políticas. A primeira delas é a divisão permanente do mundo em dois blocos: os países ricos (com acesso a revitalização) e os países pobres (desprovidos desse acesso). Não fica claro qual é a composição nacional desses dois grupos, mas países como Estados Unidos, Canadá e as maiores potências da Europa formam a “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”, enquanto todo o resto da América, África e Ásia formam a “União Popular do Sul”, que tem a maioria da população do planeta. Do ponto de vista cultural, fica evidente um estranhamento entre os dois blocos. Como grande parte da “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte” é formada por “revitalizados” (indivíduos eternamente jovens) existem diferenças no grau de maturidade, o que fica evidente na fala de um repórter brasileiro que, ao entrevistar Schnartz, comenta que “não é simples conviver e dialogar com povos que parecem jamais sair da adolescência” (LUZ, 1998, p. 15).

Do ponto de vista político, a “Internacionalização da Amazônia” (que ocorreu há cerca de 50 anos e foi decidida por votação popular na “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”, sob o pretexto de ser uma necessidade do planeta e uma legítima defesa dos recursos naturais) é a maior causa de tensões. A “Resistência da União

Popular do Sul” entra em conflito constante com as organizações militares internacionais que se estabeleceram na floresta, o que gera, constantemente, milhares de mortes. Internamente na “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”, os conflitos também se estabelecem com a nova política de restrição da produção e venda de armas. O rompimento com a cultura belicista que perdurava por séculos foi possível devido ao medo paranóico de perder a vida que se estabeleceu entre os americanos, em um momento no qual a perspectiva de imortalidade parece estar disponível para todos. Os principais prejudicados com essas mudanças são os militares, que em sua maioria eram acionistas ou atuavam como consultores da indústria de armamentos. A diminuição gradual da relevância interna das Forças Armadas norte-americanas durante todo o século XXI gera insatisfação de grupos militares que se tornam interessados em enfraquecer ou acabar com a “Técnica de Revitalização”.

A religião é, também, um tema muito presente no livro. Grupos religiosos se posicionam contra as “Revitalizações” e afirmam que elas representam a degeneração do ser humano. Segundo a “Seita do Deus Único (SDU)”, um grupo religioso fanático e terrorista, o aumento nas taxas de crimes morais se deve ao materialismo e ateísmo que se estabeleceu na “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”. O grupo tenta substituir um “medo da morte” por um “medo da eternidade”, do mesmo modo que contrapõe ao Dr. Schnartz, o líder da SDU, Van Basten. As atividades da SDU incluem divulgação em nível mundial de um discurso religioso-social que contesta a validade moral das “Revitalizações”, bem como práticas como a invasão do “Núcleo Central de Revitalizações” e a destruição de milhares de clones que seriam utilizados nos próximos anos.

O resultado do ataque terrorista da SDU é a “Revitalização Temporária” que tem como consequência a formação de uma sociedade dividida entre humanos e porcos-inteligentes. Nessa nova sociedade, o preço da carne de porco despenca, já que “ninguém mais tem estômago para comer carne de porco, quando eles aparecem toda hora falando e pedindo ajuda nos meios de comunicação, e quando o governo nos pede que os tratemos como iguais” (LUZ, 198, p. 121). Nesse contexto, os “Revitalizados Temporários (RTs)” começam a sofrer discriminação social, acompanhada de crises de identidade. Mais que isso, a falta de autonomia dos RTs no cotidiano, exige mudanças

na legislação que reforçam ainda mais a cisão entre os grupos. No entanto, os RTs ainda se reconhecem como cidadãos pertencentes à nação e se posicionam contra executivos do setor de seguros dos principais bancos americanos, que não se responsabilizam com os compromissos econômicos adquiridos com eles e transferem as incumbências ao Estado, que também não atende às demandas dos RTs. Diante desses problemas, os RTs formam “Associação Mundial dos Revitalizados Temporários (AMRT)” como forma de manifestar sua insatisfação com as condições as quais estão sujeitos. Em pouco tempo, a AMRT passa a ser responsabilizada por atentados recorrentes aos executivos do setor de seguros. Nesse ponto, o Governo se posiciona em defesa dos interesses privados das entidades financeiras, reprimindo as novas minorias com a criação de uma força policial específica para lidar com os casos de violência envolvendo RTs. Logo em seguida, são proibidos quaisquer movimentos políticos ou manifestações públicas realizados pelos RTs e as Forças Armadas são convocadas para proteger os executivos das corporações financeiras. Todos esses fatos culminam na decretação de uma lei de restrição dos direitos dos RTs, como uma necessidade imperiosa da nação. Essa lei é apoiada pela grande maioria da população norte-americana.

As questões relacionadas ao nacionalismo em *A lição de Prático*

A ruptura com o processo colonial na maioria dos países das Américas ocorreu em conjunto com uma efervescência nacionalista na Europa que ocorreu no século XIX e teve como base a implantação das instituições da “Revolução Francesa” e o desenvolvimento das forças produtivas a partir da “Revolução Industrial Inglesa” (LESSA, 2008). Com a reorganização da geopolítica mundial e a formação dos “Estados-Nação” se estendendo até o século XX, se estabeleceu um contexto no qual a tensão entre as nações e o desenvolvimento de um orgulho nacional possibilitou o surgimento de uma variedade de nacionalismos, principalmente nas Américas e na África. Esse desejo de afirmação de independência política e a ideia de que a nação a que se pertence é de alguma forma superior às demais é a premissa da maior parte dos movimentos nacionalistas (GUIMARÃES, 2008). No livro *A lição de Prático* é possível destacar características desse processo, bem como a tipificação de diferentes tipos de nacionalismos.

O livro gira em torno de uma das inquietações que acompanha o ser humano desde as religiões antigas: a morte. No entanto, no romance, esse medo não é remediado pela ideia da eternidade da alma ou da pós-vida, mas pelo avanço científico que permite um prolongamento indefinido da vida humana, através da “Técnica de Revitalização”. Nesse sentido, o corpo é encarado apenas como uma casca para o cérebro, que carrega toda a identidade individual. Exemplo desse caráter materialista estabelecido com a morte é a personagem Dr. Schnartz que, ao discorrer sobre as implicações morais de criar e destruir seres humanos para que outros sobrevivam, deixa claro que o importante não é ser ético, no sentido de uma ligação com algum dogma ou teologia, mas parecer ético, no sentido de criar um discurso que seja digno de se concordar com ele.

O primeiro tipo de nacionalismo a que se pode referir é o estadunidense. Em *A lição de Prático* a “Técnica de Revitalização” confere uma “entrada da humanidade na imortalidade” que no caso, é restrita aos estadunidenses com melhores condições econômicas. Os Estados Unidos da América são um país majoritariamente protestante, que é uma religião que considera o sucesso material como um sinal de aprovação divina e, nesse sentido, o sucesso econômico do país funciona como um sinal de que eles são um povo escolhido (GUIMARÃES, 2008), em contraposição aos que estão fora desse sistema e, portanto, são identificados como incapazes ou indignos (BENJAMIN, 2013).

Embora na sociedade estadunidense representada em *A lição de Prático* a religião não seja uma questão cotidiana para maior parte da população, ela tem um papel importante no livro, ao representar o questionamento moral da indústria científica. A “Seita do Deus Único (SDU)” é definida pelo Dr. Schnartz como “um aglomerado de esquizofrênicos que misturaram símbolos milenarmente opostos e contraditórios” (LUZ, 1998, p. 17). No entanto, VanBasten, o líder da seita, tem um papel importante na narrativa, pois é a partir dele e do seu relacionamento com Schnartz que se entendem algumas pontes entre a distopia de *A lição de Prático* e o mundo real.

O Dr. Schnartz ironiza a forma messiânica como ele e VanBasten são vistos pela população e afirma que a humanidade tem uma “mania de criar heróis”. Segundo Lessa (2008) essa tendência pode ser observada nos brasileiros, que demonstram uma tendência de relativizar a história oficial em detrimento do imaginário popular. Na paixão pelo futebol, por exemplo, surgem heróis nacionais que são mais admirados que

personalidades com grande importância histórica. Luz (1998) dá destaque a esse fato que parece ter grande importância na construção de uma identidade nacional brasileira. Por exemplo, quando uma de suas personagens se refere a “filosofia desportiva do Sul”, ela conclui que “nisso, ao menos, eles são bons” (LUZ, 1998, p. 29). Para Guimarães (2008), essa tendência em promover heróis nacionais está relacionada com os meios de comunicação de massa e a formação de uma sociedade em que tudo se torna espetáculo, até mesmo a política.

De maneira oposta a Schnartz, o líder da SDU assume o messianismo que o envolve e busca formas de construir um discurso que o leve a alcançar a hegemonia da visão de mundo da população. Nesse sentido, o seu discurso apela para indicar que o materialismo e ateísmo estão promovendo a degeneração da humanidade e da família e que a “Técnica de Revitalização” está criando um “Estranho Homem” feito de raiva, medo, solidão e presente. Em um trecho de seu discurso transmitido internacionalmente, VanBasten diz:

[...] Este homem, este ser onipotente e pretensioso, instala-se na sociedade tal como um filhote de cuco no ninho de outras aves. Expulsa ou elimina seus irmãos. E põe a seu serviço todos os que o cercam. E que lhe importa o outro? O outro Existe para servi-lo! Ele precisa viver para sempre. A vontade dos outros não mais importa. Sua fome é insaciável. Pertencem-lhe o corpo do outro, e ele estupra. Os bens do outro e ele rouba e corrompe-se. A vontade do outro, que ele subjuga e tortura. Este Estranho Homem expande seus braços doentios ao redor de tudo. Afinal, se nega a vida àquele que é seu igual, o que não fará ao outro?” (LUZ, 1998, p. 96-97)

O “Estranho Homem” a que a personagem se refere advém da perda dos valores religiosos, o que apresenta semelhanças com um homem que, para Benjamin (2013), surge de um desespero universal inerente ao capitalismo como uma religião em que não há mais a reforma ou salvação do ser, mas seu esfacelamento, fruto de “uma doença do espírito própria da época capitalista” (BENJAMIN, 2013, p. 57). Para VanBasten a esperança de salvar a nação da perdição total reside no fato de ainda existirem cristãos que podem ser atingidos pelo seu discurso. Nesse sentido, VanBasten e a SDU tipificam outra forma de nacionalismo, como definido por Guimarães (2008): um grupo engajado numa luta para modificar o estado segundo seus próprios interesses.

Como descrito por Lessa (2008), uma nação se pretende eterna desde seu surgimento; no entanto, em *A lição de Prático* essa ideia é levada ao extremo, já que as “Revitalizações” são proibidas até mesmo em países ricos da Europa, sendo uma exclusividade dos estadunidenses que, dado o alto valor mercadológico das operações, são selecionados a partir da sua capacidade econômica. Assim, a ideia de “povo escolhido” abraça tanto elementos econômicos quanto nacionalistas, sociais e históricos, uma vez que apenas uma geração de um grupo privilegiado dentro em uma nação se posiciona como representante da humanidade e se eterniza, enquanto o “resto do mundo perece de doenças, fome e guerras” (LUZ, 1998, p. 98). Em outro trecho do mesmo discurso de VanBasten, ele se refere à questão da autonomia política dos países que são economicamente dependentes das grandes potências mundiais:

[...] Os escolhidos são aqueles que têm o poder e podem pagar. Os eleitos são escolhidos pelos e entre os poderosos. Tema, irmão ou irmã, se você não vive como eles! Mesmo que você não possa! Ainda que você não queira! Você tem de ser como eles e arrastar-se! Humilhar-se! Entregar-se e anular-se, para ser um eleito! [...] (LUZ, 1998, p. 98).

Com relação a “União Popular do Sul”, outra forma de nacionalismo presente em *A lição de Prático*, é possível inferir (já que não é explicitado no livro) que ela tenha se formado como resistência ao domínio cultural e político a que foram submetidos os países periféricos pelos países da “Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”. Nesse sentido, a sua formação segue uma estratégia adotada por um desenvolvimento em relação ao imperialismo norte-americano (JAGUARIBE, 2008) no mundo real. A formação de uniões internacionais compromete parte da soberania política de cada país que as compõe (GUIMARÃES, 2008), no entanto, a estratégia pode ser a única forma de países em desenvolvimento alcançarem algo próximo a um equilíbrio e uma capacidade de resposta política e econômica às grandes potências mundiais (LESSA, 2008). Jaguaribe (2008) entende que a influência política que os Estados Unidos exercem sobre os outros países no fim do século XX e início do XXI se dá, principalmente, a partir da inserção dos mercados nacionais no mercado-financeiro internacional que é dirigido principalmente por grandes corporações norte-americanas. Dessa forma, é possível entender a disseminação de teorias neoliberais que advogam o

fim dos nacionalismos, a retirada da questão econômica da arena política e o fim das fronteiras econômicas, posto que estes são fatores que podem atrapalhar o livre mercado em algum nível (GUIMARÃES, 2008). Assim, o capital toma a posição que um dia foi da Igreja e controla o Estado a partir da transformação do poder econômico em poder político.

Essa limitação da autonomia política e perda da soberania nacional causada pela inserção dos mercados nacionais no mercado-financeiro internacional também é apontada por Benatti (2007) em relação ao debate sobre a “Internacionalização da Amazônia”, outro tema relacionado com o nacionalismo e presente em *A lição de Prático*. No Brasil, até a década de 80 esse debate trazia componentes nacionalistas/desenvolvimentistas, contudo, a partir da década de 90 o debate passou a ser focado na definição e enfrentamento de um “inimigo externo” que ameaçava tomar para si as riquezas brasileiras. Nesse caso, a resistência nacionalista adquire caráter elitista e amplia a concentração de terras e riquezas, negando o acesso aos grupos sociais nativos da região. Não se configura uma luta pela soberania nacional, mas sim pela soberania privada.

Em *A lição de Prático* vemos uma situação na qual a Amazônia já foi internacionalizada há décadas sob as justificativas de “necessidade do planeta” e “legítima defesa da humanidade”. O que Benatti (2007) chama de “globalização dos problemas ambientais” e Xavier (2013) de “consolidação de valores universais de sustentabilidade planetária” são as forças que parecem mover o conflito violento que no romance custa milhares de vidas. No entanto, os grupos nacionalistas que resistem à “Internacionalização da Amazônia” se diferenciam daqueles descritos por Benatti (2007), por representarem uma minoria subjugada que reivindica o direito sobre o território nacional.

A construção e desenvolvimento do embate com o “outro” que Baccolini (2007) destaca como um dos motivos para a Ficção Científica ser um gênero privilegiado nos debates sobre nacionalismo se dá de forma clara na narrativa com o surgimento dos “Revitalizados Temporários (RTs)”. A existência de um passado comum e a visão de um futuro juntos mantêm o sentimento nacionalista vivo (GUIMARÃES, 2008) e faz os RTs tentarem se adequar às péssimas condições de vida a que são submetidos e, ainda,

se identificarem como pertencentes ao povo escolhido (estadunidense) e à nação privilegiada (“Comunidade Econômica do Hemisfério Norte”). No entanto, ao se notarem como minoria injustiçada e frustrada perdem a confiança nas instituições sociais, na Justiça e no Governo, que passam a ser descritos por eles como “um bando de calhordas” responsáveis pela sua situação degradante. O Estado passa a ser visto, então, como fonte de todo mal e os políticos como aproveitadores, em processo muito semelhante ao que Guimarães (2008) define como o processo de manutenção do poder político com afastamento do Estado em relação às massas. Dessa forma, se entende tanto a repressão violenta que o estado promove contra os movimentos dos RTs, quanto os atentados violentos que as organizações dos RTs começam a promover contra os representantes de uma classe a qual não pertencem mais.

Conclusão

As obras literárias podem ser utilizadas, respeitando suas especificidades, para auxiliar na reconstrução do contexto histórico-social no qual foram produzidas, pois funcionam como interpretações da realidade em que nasceram (VELLOSO, 1988). Nesse contexto, a ficção científica é um meio privilegiado para o entendimento das relações entre ciência e sociedade de uma época, bem como uma forma de identificar como os discursos nacionalistas são retratados, a partir do embate com o diferente, com o “outro”.

No livro *A lição de Prático* foi possível identificar discursos nacionalistas variados. A ficção retrata o sentimento de superioridade de uma nação (Os Estados Unidos) e a imposição de seu modo de vida sobre o resto das nações, a partir da sua supremacia política e econômica. Do mesmo modo, é possível identificar o desejo de afirmação da nacionalidade e autonomia política dos outros estados, que é retratado na resistência dos grupos nacionalistas sul-americanos à internacionalização da Amazônia e, também, na marginalização e revolta do “Revitalizados Temporários”.

A influência do sistema sócio-econômico brasileiro do final da década de 90 na construção dessa distopia é evidente em muitos momentos. Extrapolações claras podem ser feitas em relação às políticas neoliberais que dominavam o país na época. Dessa

forma, a relação entre o real e o imaginário não é puramente fantasiosa, pois aponta as aspirações da geração, ou ao menos do autor, em relação à sociedade e ao futuro.

REFERÊNCIAS

- BACCOLINI, R. Science Fiction, Nationalism, and Gender in Octavia Butler's "Bloodchild". In: BACCOLINI, R.; LEECH, P. **Constructing Identities: Translations, Cultures, Nations**. Bolonha: Bononia University Press, 2007.
- BENATTI, J. H. Internacionalização da Amazônia e a questão ambiental: o direito das populações tradicionais indígenas à terra. **Revista Amazônia Legal de estudos sócio-jurídicos ambientais**, Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, v. 1, n. 1, p. 23-29, 2007.
- BENJAMIN, Walter. 2013. O capitalismo como religião. In: LÖWY, M. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BRUNNER, J. The Educational Relevance of Science Fiction. **Physics Education**, Bristol: IOP Publishing, v. 6, n. 6, p. 389-391, 1971.
- DE LA ROCQUE, L. R. A divulgação e a ética científicas em "A lição de Prático", de Mauricio Luz e "Oryx e Crake", de Margaret Atwood. In: HARRIS, L. A. **A Voz e o Olhar do Outro**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.
- GUIMARÃES, S. P. Nação, nacionalismo, Estado. **Estudos Avançados**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 62, p. 145-159, 2008.
- JAGUARIBE, H. Nação e nacionalismo no século XXI. **Estudos Avançados**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 62, p. 275-279, 2008.
- LESSA, C. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 22, n. 62, p. 237-256, 2008.
- LUCKHURST, R. Science Fiction. In: RYAN, M. **The Encyclopedia of Literary and Cultural Theory**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2010.
- LUZ, M. **A lição de Prático**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NAUMAN, A. K.; SHAW, E. L. Sci-Fi Science. **Science Activities: Classroom Project and Curriculum Ideas**, Abingdon-on-Thames: Taylor & Francis, v. 31, n. 3, p. 18-20, 1994.
- PIASSI, L. P. C. A Ficção Científica como elemento de problematização na educação em Ciências. **Ciência & Educação**, Bauru: Unesp, v. 21, n. 3, p. 783-798, 2015.
- ROBERTS, A. **Science Fiction**. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2002.
- SMANIOTTO, E. I. **Eugenia e Literatura no Brasil**: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949). Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 2012.
- VELLOSO, M. A Literatura como Espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

XAVIER, D. F. B. Nacionalismo e Patriotismo na Amazônia Brasileira. **Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 376-398, 2013.

Vinicios Campos Gorito

Cursa Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Fluminense. Desenvolve, no Laboratório de Genética Marinha e Evolução-UFF, pesquisas relacionadas a literatura de ficção científica aplicada ao ensino de ciências e biologia.

E-mail: vinicioscgorito@gmail.com.

Edson Pereira Silva

Possui bacharelado em Biologia Marinha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), mestrado em Genética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), doutorado em Genética pela University of Wales-Swansea (1998) e pós-doutorado em Genética Molecular pela University of Swansea. Professor Associado do Departamento de Biologia Marinha da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório de Genética Marinha e Evolução. Tem experiência na área de Genética, com ênfase em Genética de Populações de Organismos Marinhos, atuando principalmente nos seguintes temas: genética molecular, conservação, bioinvasão, teoria evolutiva, epistemologia e ensino.

E-mail: edsonpereirasilva@id.uff.br